

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16510 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 03 - Educação Popular e Movimentos Sociais

ARPILLERAS: METODOLOGIA INSUBMISSA – NARRATIVAS (AUTO)  
BIOGRÁFICAS DAS MULHERES DO MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR  
BARRAGENS NO BRASIL

Louise Löbler - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

**ARPILLERAS: METODOLOGIA INSUBMISSA – NARRATIVAS (AUTO)  
BIOGRÁFICAS DAS MULHERES DO MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR  
BARRAGENS NO BRASIL**

O presente texto faz parte da pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), ainda em andamento. Ao estudarmos as práticas educativas no âmbito de um Movimento Social nos deparamos com inúmeras possibilidades que vão além dos muros das escolas. Para esse estudo, escolhemos as *arpilleras*, algo singular na experiência das mulheres no espaço educativo no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) no Brasil, as quais narram suas vivências através das agulhas, linhas e retalhos. Para esse tecer, de uma pesquisa qualitativa, pretende-se utilizar a metodologia das narrativas (auto) biográficas, num suturar de memórias e histórias; que se entrelaçam na própria história da autora, costurando uma metodologia de Educação Popular originalmente latino-americana. A técnica de *arpillar* foi criada pelas mulheres chilenas em tempos de ditadura militar, são compreendidas como documentos políticos bordados que denunciam as violações de Direitos Humanos, individuais ou coletivos. Portanto, essas são as primeiras linhas das costuras a serem realizadas nessa pesquisa, no desafio de sistematizar essa *práxis* de uma metodologia educacional histórica coletiva na intenção de compreender as *arpilleras* como um bordado não domesticado através de uma (auto) biografia insubordinada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arpillera. Narrativas (auto) biográficas. Direitos Humanos. Movimento dos Atingidos por Barragens. Educação Popular.

A presente pesquisa de doutorado, ainda em sua fase inicial, é cerzida por práticas e vivências em que a autora vem trabalhando desde 2013 com o fazer *arpilleras*, porém desde 1996 com a indignação de ser atingida pela construção da Usina Hidrelétrica de Dona Francisca, localizada no Rio Jacuí na região central do Rio Grande do Sul. Temos como desafio de sistematizar essa *práxis* de *arpillar* das mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). A qual compreendemos como uma metodologia educacional histórica coletiva, onde a arte e a Educação Popular são fundamentais na intenção de compreender as *arpilleras* como um saberfazer individual e coletivo que surge e permanece em um ato de

denúncia através da arte e da educação.

Para isso, optamos por manter a palavra em espanhol – *arpillera* – por compreendermos que não é somente uma palavra e sim que carrega consigo um peso de história e memória necessário para o tecer da compreensão de uma prática histórica, a qual será melhor explicada nas linhas a seguir. Traduzindo a palavra, significa: juta ou estopa; tecido em que eram armazenados os grãos e que levou esse nome segundo Basic (2015), porque as primeiras peças eram feitas sob ele, uma vez que as mulheres no interior do Chile tinham acesso a ele e também por ser um tecido forte que sustentava outras costuras sobre ele.

Para o costurar dessa pesquisa qualitativa, utilizaremos a metodologia baseada nas narrativas (auto) biográficas, baseada em autoras como Christine Delory – Momberg, Maria Helena Menna Barreto Abrahão, dentre outras. Perpassando por autores importantes que auxiliam na costura entre história, território e memória, como: Frantz Fanon e Jacques Le Goff; assim como um dos basilares o educador Paulo Freire; tendo como fontes iniciais a pesquisa bibliográfica, o acervo das peças das *arpilleras* do Movimento dos Atingidos por Barragens e as narrativas das mulheres *arpilleristas*.

No presente estudo, a arte e política são sinônimas, caminhando lado a lado, cerzindo histórias e memórias, de mulheres que encontraram coletivamente uma forma de construir documentos que bordam suas vozes de denúncias, contra as violações de Direitos Humanos vividos em tantas regiões do Brasil.

Os “movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil” (Moreira, 2014, p. 31). O MAB é um movimento de pessoas que enfrentam diariamente o capitalismo em sua forma mais cruel, a negação da existência. Inicialmente haviam organizações regionais, com sindicatos e associações de famílias atingidas por barragens, como por exemplo a Comissão Regional dos Atingidos por Barragens (CRAB) na região sul; e o Movimento dos Ameaçados por Barragens (MOAB) na região sudeste.

A nacionalização do MAB e sua expansão de atuação para os demais estados brasileiros, segundo dados no site do Movimento, foi ocorrendo de forma gradual e se intensificou no início dos anos de 1990, devido ao avanço nas construções de usinas hidrelétricas e barragens para armazenamento de água. É esse avanço do capitalismo que não reconhece duplamente a existência das mulheres nesses processos, onde são negados não somente o direito de reivindicar mas também o direito de existir, afogando junto das vidas ainda vívidas em um ato de silenciamento forçado das memórias individuais e coletivas, histórias, lembranças e comunidades inteiras, forçando-as a migrarem para qualquer lugar ou a ficarem ali submersas pelo avanço do capitalismo.

É importante frisar, que a memória é algo em disputa na sociedade, “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos

grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (Le Goff, 1990, p. 426).

Segundo Löbler (2022), é essencial conhecermos como são essas configurações da geopolítica territorial dos conflitos que o capitalismo estabelece, de diversas formas. Compreender esses territórios sociais é fundamental para que possamos refletir sobre os conflitos territoriais, nas contradições estabelecidas pela violência imposta pelo capital (Fanon, 1968).

Os registros históricos do local que surgiu esse processo de *arpillar* foi em comunidades rurais no Chile, durante a Ditadura civil – militar de Pinochet (1973 – 1990), período que não seria nem brando nem breve. Milhares de pessoas foram executadas, torturadas e desaparecidas durante o período ditatorial e “na verdade, a repressão foi ainda pior na zona rural, onde não havia imprensa estrangeira e se contava com menos testemunhas” (Winn, 2010, p. 124). Foi nesse contexto que as mulheres tiveram a ideia de subverter o silenciamento imposto pela Ditadura, e romper com as fronteiras construídas, bordando suas realidades, de opressão e repressão que sofriam pelo contexto político (Agosin, 1985; Basic, 2015; Garcia, 2018).

Para nossa compreensão em relação à educação, o espaço que está colocado para a realização dessa pesquisa é o Movimento Social, na apreensão de que a educação não se faz somente na escola. Existem, segundo Löbler (2020), outras dimensões para a formação humana que são importantes, e que podemos considerar nesse ambiente como processo educativo dos sujeitos. Entendemos que, é preciso “estimular e possibilitar, nas circunstâncias mais diferentes e, a capacidade de intervenção no mundo, jamais o seu contrário, o cruzamento de braços em face dos desafios” (Freire, p.28, 2000).

Portanto, essas são as primeiras linhas das costuras a serem realizadas nessa pesquisa nos próximos anos, no desafio de compreender e sistematizar essa *práxis* de uma metodologia educacional histórica coletiva na intenção de bordar de uma forma não domesticada, uma (auto) biografia insubordinada.

## REFERÊNCIAS

AGOSIN, Marjorie. Agujas que hablan: las arpilleras chilenas. **Revista Iberoamericana**. v. LI, n. 132-133, p.523 – 529, jul. – dez. 1985. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/4066/4234> . Acesso em 10 de ago. de 2024.

BASIC, Roberta. In: **Catálogo da exposição: Arpilleras: bordando a resistência**. Memorial da América Latina, São Paulo, 2015.

DELORY – MOMBERG, Christine. **A criação compartilhada: uma biografização coletiva.** In: Pesquisa Narrativa – Interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Orgs. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. Editora da UFSM, 2017.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GARCIA, Esther Vital. **“The Quilt Project” y “The Art of Survival Exhibition: International and Irish Quilts”** - Un ejemplo de cómo utilizar el arte para construir espacios para el encuentro en sociedades divididas. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidad de Deusto, Instituto de Derechos Humanos Pedro Arrupe. (Mestrado), Bilbao, Espanha. 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LÖBLER, Louise. **Arpillerando com jovens do ensino médio de uma escola do campo – bordados coletivos da luta pela terra.** Dissertação de Mestrado. 2022. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – Uergs. Programa de Pós – Graduação em Educação Mestrado Profissional (PPGED-MP). 130 p. 2022.

MOREIRA, Samuel Antônio Fogliarini. **Movimento dos Atingidos por Barragens – Apoio e luta por justiça: estudo do caso da Usina Hidrelétrica Dona Francisca, RS.** 2014. Monografia (Especialização em História do Brasil) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/14910>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MAB, Movimento dos Atingidos por Barragens. Disponível em: <https://mab.org.br/> . Acesso em: 10 ago. 2024.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena.** Editora UNESP, São Paulo: 2010.